

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Globo Class.: 15

Data: 03.09.80 Pg.: _____

FUNAI DENUNCIA NOVO MASSACRE INDÍGENA

Caiapós matam 12 pessoas ao atacar fazenda no Pará

BRASÍLIA (O GLOBO) — De oito a doze pessoas — inclusive quatro crianças — foram mortas a bordunadas pelos índios caiapós da aldeia de Gorotire, no Pará, num ataque à sede da Fazenda Espedilha. A informação da Assessoria de Comunicação da Funai é de 12 mortos, mas o dono da fazenda, Joaquim Menezes, que mora em Conceição do Araguaia, fala em apenas oito.

Os índios não retornaram à sua aldeia, após o massacre, e a Funai prevê que eles estejam percorrendo outras fazendas que se limitam com a reserva, ainda pintadas para a guerra. A área dos caiapós, de um milhão de hectares, está apenas delimitada, pois faliu a empresa contratada pela Funai para os trabalhos de demarcação. Fontes extra-oficiais disseram em Belém que só houve o massacre porque empregados da fazenda invadiam terras dos índios para retirar madeira.

O delegado da Funai em Belém, Paulo Cesar de Abreu, seguiu para a aldeia, acompanhado por agentes da Polícia Federal. Também foram enviados para a área o coronel Kleper, da Assessoria de Segurança e Informação, e o capitão Jurandir Fonseca, do Departamento Geral de Operações.

O fazendeiro Joaquim Menezes foi quem deu as primeiras informações sobre o ataque dos índios, dizendo ter en-

contrado, segunda-feira última ao chegar à fazenda, o genro e duas netas mortos. Ele viu também os corpos do capataz Jones, de um rapaz, uma mulher e de mais duas crianças.

POPULAÇÃO ALERTADA

O antropólogo Alceu Cotia esteve na área há dois meses e, de volta a Brasília, disse que os índios haviam concordado em aguardar a demarcação de suas terras até o final do próximo verão. A Funai recebeu informação do Pará de que a população branca já havia sido alertada de que não poderia permanecer na área, tendo em vista a grande insatisfação dos caiapós.

No dia 25 de julho, o presidente da Funai, coronel João Carlos Nobre da Veiga esteve em Gorotire. Ele ontem estava em São Gerônimo da Serra, na divisa entre São Paulo e Paraná, em viagem de inspeção.

Ao coronel Nobre da Veiga os índios tinham pedido que a Funai construísse uma escola, enviasse uma professora para a área, conseguisse água, uma vez que eles a buscam muito longe da aldeia, e um trator. Na ocasião, o coronel Nobre da Veiga prometeu que mandaria também um vaqueiro, para lhes ensinar a tirar leite dos búfalos. Lembrando que os caiapós haviam expulsado os garimpeiros do Rio Fresco, também dentro da área indígena, o presidente da Funai sugeriu que eles explorassem o ouro da superfície, observando que isto lhes daria muito dinheiro.

Em menos de um mês, este é o segundo massacre praticado por índios, tendo em vista a indefinição e falta de demarcação de suas terras.

No dia 8 de agosto, os txucarramae, do Parque Nacional do Xingu, assassinaram 11 peões a bordunadas, na Fazenda São Luís, motivados pela insistência dos fazendeiros em desmatar as áreas próximas aos rios.

Os caiapós são parentes dos txucarramae, embora vivam no sul do Pará, fora da área do Parque Nacional do Xingu.

Os txucarramae, depois do massacre, estão assustados por terem que prestar depoimentos na Polícia Federal, em Brasília, onde estão sendo chamados aos poucos.

O índio trumai, Aruavi, que estava com os txucarramae no massacre, disse ontem que ficou muito assustado com o depoimento que fez na Polícia Federal. Acompanhado pelo advogado da Funai, Júlio Augusto Souza Camacho Crespo, Aruavi disse que o delegado Jaime Aquino queria que ele confessasse coisas que não havia feito.

— O delegado ficou me perguntando se eu havia matado algum dos peões. Eu informei que não, embora tivesse assistido tudo. O delegado começou a dizer que sabia muita coisa de mim, coisas que eu nem imaginava. Perguntou se, no dia do massacre, eu estava armado com um revólver calibre 38 de cabo branco e eu disse que sim, embora não tivesse usado a arma de fogo. Ai o delegado disse: "Eu não falei que sabia muita coisa a seu respeito?"